



ID: 118244761

18-07-2025 | REVISTA E

Cult
uras

Sines no centro do mundo

Poucos festivais em Portugal motivam um culto tão forte quanto o Festival de Músicas do Mundo (FMM), em Sines. Quem vai sabe que vai presenciar algo incrível, enigmático, que pode vir de qualquer um dos quatro cantos do planeta: uma banda rock do deserto africano, uma cantora tradicional do Japão, um grupo de cumbia da América do Sul. Até dia 26 o FMM cumpre a sua 25ª edição, dividindo-se uma vez mais entre Porto Covo (onde se iniciará) e Sines (onde reside a esmagadora maioria dos grandes nomes que compõem o cartaz). No total, são 34 os países representados no certame, sendo que mais de 60% dos concertos têm entrada livre. A viagem começa em Porto Covo, no Largo Marquês de Pombal, esta sexta, com espetáculos dos espanhóis Maestro Espada e dos franceses Tago Mago (nome, evidentemente, repescado aos gigantes Can) e Ko Shin Moon, que substituiu o anteriormente anunciado Kamakan. Sábado há espaço para a música portuguesa, com a presença em Porto Covo de Ana Lua Caiano, seguida pela artista palestina Tamer Nafar e por Pamela Badjogo, do Gabão. A Pedreira, Selin Sümblütepe, Kaláscima e Ácido Pantera completam o cartaz de domingo. O FMM passa então para Sines: segunda destaque-se o projeto Umafricana e o francês Mick Strauss; terça Susobrinho, Sara Curruchich e Queral Lahoz. E a partir de quarta entram em cena os nomes mais sonantes do cartaz da edição deste ano. Nessa noite, atua o senegalês Youssou N'Dour (Castelo, 23h30), uma das maiores estrelas do continente africano, e que o mundo ocidental aclamou na década de 90, quando '7 Seconds', dueto com Neneh Cherry, atingiu os primeiros lugares das tabelas de vendas em vários países, Portugal incluído. Juntam-se ao cartaz Lena D'Água (Castelo, 18h) e o angolano Bonga (Castelo, 0h45). Dia 24 as atenções viram-se para a Europa: as Vozes Búlgaras (Castelo, 21h), coro feminino da televisão estatal daquele país, internacionalmente reconhecido desde a edição, em 1975, do LP



Os britânicos Kokoroko atuam dia 26 no FMM Sines: dedicam-se à festa do 'afrobeat'

"Le Mystère des Voix Bulgares", virão a Portugal acompanhadas pelo compositor e maestro Georgi Andreev e pelo Quarto Quartet, para uma sempre mágica (re)interpretação de canções tradicionais da Bulgária — algo que apaixonou, ao longo das décadas, nomes como Ivo Watts-Russell, que as editou em 1986 na reputada 4AD. Registe-se o regresso da cantora e compositora brasileira Bia Ferreira (Castelo, 22h15), dona de um repertório tão musical quanto ativista (pelos direitos das mulheres negras, pelos direitos da comunidade LGBTQ+), e uma homenagem ao jamaicano Max Romeo (Castelo, 23h30), que estava no cartaz desta edição mas faleceu em abril. A 25, Luca Argel (Castelo, 18h) e Capicua (Castelo, 22h15) levam os seus poemas próprios até

ao Algarve, que acolhe uma das maiores bandas da história do rock brasileiro: Nação Zumbi (Castelo, 0h45), mescla de rock, hip-hop, funk, eletrônica e maracatu, fusão que ficou conhecida como 'manguebeat'. Antes, apresenta-se a senegalesa Orchestra Baobab (Castelo, 23h30), uma das bandas mais respeitadas do continente africano, redescoberta pelo ocidente após a reedição de vários álbuns pela editora britânica World Circuit.

O último dia, 26, conta com uma triade de excelência: Rokia Traoré (Castelo, 22h15), cantautora maliana que deu que falar com álbuns como "Bowmboi" (2003) e "Tchamantché" (2008), Kokoroko (Castelo, 23h30), combo britânico que se dedica à grande festa do 'afrobeat', e os 47 Soul (Castelo, 0h45), coletivo entre a eletrônica e o hip-hop, que se divide entre a Palestina e a Jordânia. Os nacionais Miss Universo (Castelo, 18h), Fidju Kitxora (Palco Galp, 2h15) e Bateu Matou (Palco Galp, 3h30) completam o cartaz.

/ PAULO ANDRÉ CECÍLIO

FMM SINES — FESTIVAL DE MÚSICAS DO MUNDO

Vários locais, Sines e Porto Covo, até dia 26
fmm-sines.pt



FIMM — FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DE MARVÃO

Vários locais, Marvão, até dia 27
marvaomusic.com

Ao longo dos anos, o Festival Internacional de Música de Marvão (FIMM) conseguiu construir uma presença durável no território português, através do investimento feito desde 2015 na música, na história e no património da vila alentejana de Marvão, situada a cerca de 270 quilómetros de Lisboa. É neste admirável local que se desenrola o FIMM, que desde 2015 tem sido sucessivamente orquestrado pelos diretores artísticos Christoph Poppen e Juliane Banse, um casal cheio de energia e boas ideias. Em dez dias de festival, a minúscula vila alentejana de 100 habitantes consegue atrair cerca de 15 mil visitantes. Ao passar por Biarritz em 1843, o escritor francês Victor Hugo comentou que a paisagem era magnífica e que sentia receio que ela se tornasse num destino incontornável da moda, alterando para sempre o seu equilíbrio (como se diz agora, que ela fosse adulterada por ondas de turismo de massa). É o que profetizamos para Marvão: os atrativos propostos pelo festival de música bem como a beleza do local e das cercanias são de tal ordem que, dentro de pouco tempo, Marvão poderá ser um destino cosmopolita. Até dia 27, estão agendados 30 concertos únicos. O evento abre sexta à noite as portas ao público com a gala de abertura no castelo. Com uma vertigem de três espetáculos diários, uma das marcas do FIMM é a circunstância de Poppen e Banse atuarem em vários dos concertos. Arquitetaram uma série imparável de ocasiões para aplaudir "As Sete Palavras de Cristo na Cruz", de Haydn (terça), o "Quarteto para o Fim do Tempo", de Messiaen (dia 24), e peças do compositor Luís Tinoco, o Prémio Pessoa 2024 (dia 26). Num dos momentos mais esperados do festival, os tenores Christoph Prégardien e Julian Prégardien (na foto), pai e filho, apresentam-se em duetos de Mendelssohn, Schubert e Brahms (domingo). / ANA ROCHA

ID: 118244761

18-07-2025 | REVISTA E



★★★★

UTOPIA**Gwenno**

Heavenly

Não era, de todo, previsível que Gwenno Saunders — filha do poeta da Cornualha, Timothy Saunders, e de mãe galesa com cadastro policial por ativismo político nacionalista —, se convertesse em adolescente primeira bailarina de “Lord of the Dance”, durante dois anos, em Las Vegas, onde viveria num complexo de apartamentos “com piscina e ginásio mas pouco mais que fazer do que beber, tomar drogas e lidar com distúrbios alimentares”. E, continua ela, “todos os sábados, íamos a um clube de techno chamado Utopia e ficávamos completamente pedrados até segunda-feira quando tínhamos de voltar a trabalhar”. Recorda-o porque o nome do clube iria inspirar o título do novo álbum e ajudaria a assinalar os dois períodos da carreira de Gwenno: o primeiro, com “Y Dydd Olaf” (2014), “Le Kov” (2018) e “Tresor” (2022), todos cantados em galês e ‘cornish’; e o segundo, iniciado com este “Utopia”, predominantemente em inglês. Se o primeiro a transformou em campeã das línguas minoritárias, com direito a gigante street art de homenagem em Cardiff, este que agora se inicia decorre de se ter apercebido de que “a forma como consegui escrever em inglês deve-se a reconhecer que não consigo traduzir muitas memórias. Achei muito importante explorar esta ideia. Se tivesse ficado em Gales e não tivesse vivido noutros lugares nem experienciado outras culturas, seria muito diferente, faria discos em galês. Mas saí de casa aos 16 anos. Sinto que, enquanto compositora, estou compelida a continuar a revirar tudo. Tudo é um registo diário para mim. E, ao escrever sobre tudo isto, desocultei o meu próprio caos”. Como observa no site da Heavenly Records, “‘Utopia’ evoca um momento de autodescoberta e exploração. O disco transita de temas dançantes a delicadas baladas ao piano, com a colaboração de Cate Le Bon, que faz referência a William Blake a um poema de Edrica Huws e (não perguntem porquê...) ao autocarro nº 73.” / **JOÃO LISBOA**

E ainda...

**3 PALMAS NA MÃO**

Teatro Maria Matos, Lisboa, terça e quarta, 21h

Três meses depois de adiado devido a problemas de saúde de Jorge Palma, o espetáculo “3 Palmas na Mão”, que o músico partilha com os seus dois filhos, Francisco e Vicente, sobe ao palco em Lisboa, juntando canções próprias e alheias.

**MEO MARÉS VIVAS**Antigo Parque da Campismo da Madalena, Vila Nova de Gaia, até domingo
maresvivas.meo.pt

O festival Meo Marés Vivas junta Scorpions (na foto) e Xutos & Pontapés sexta, Thirty Seconds to Mars e Miguel Araújo e Os Quatro e Meia sábado; e Ozuna e Calema domingo.

MIMO FESTIVALVários locais, Amarante, até domingo
mimofestival.com/2025/amarante

Nascido no Brasil há 21 anos, o Mimo Festival viajou até Portugal em 2016, mantendo a natureza gratuita. Esta edição tem Ana Moura e Fogo Fogo sexta, José James e Daddy G (dos Massive Attack, em DJ set) sábado e Farofa e Kastrup domingo.

**FESTIVAL VERÃO CLÁSSICO**CCB e Museu Nacional dos Coches, Lisboa, de 23 de julho a 2 de agosto
veraoclassico.com

O 11º Verão Clássico recebe, entre outros, os cantores alemães Anna Samuil (na foto) e Werner Güra, a pianista ucraniana Milana Chernyavska e o contrabaixista finlandês Janne Saksala.

ID: 118470938

01-08-2025 | REVISTA E

Música

Coordenação Luís Guerra
lguerra@blitz.impreso.pt

Ao longo de dez dias, de manhã e até à madrugada, a música inundou as ruelas medievais da vila alcandorada na serra de São Mamede.



A magia de Marvão

No Alto Alentejo, zona do país onde a música clássica é uma raridade, o FIMM voltou a confirmar-se como um pequeno paraíso

TEXTO ANA ROCHA

O Festival Internacional de Música de Marvão (FIMM) é mais do que música: é um projeto de excelência que arrebatou as populações locais e faz vibrar os visitantes que se precipitam para celebrar a fusão da arte com o património, a História, a cultura e a gastronomia da vila alentejana onde se tropeça ao acaso com pequenos jardins espalhados dentro da muralha, criadores de um ambiente paradisíaco como que a reinventar o parque de Alhambra. Este evento anual continua a transfigurar a vida pacata de Marvão, transformada em poucos dias numa Meca musical calcorreada por 15 mil veraneantes. Numa zona do país onde a música clássica é

uma raridade, reconhece-se que o festival é uma magnífica ocasião de divulgação turística e promoção artística e, contudo, desde o ano da sua criação em 2014, não tem vivido num 'mar de rosas' devido ao parco apoio estatal. Ao longo de dez dias, de manhã e até à madrugada, sopraram e rugiram os ventos, cantaram e ciciaram os violinos, os pianos não pararam de tocar e as infinitas variações das vozes de tenores e sopranos inundaram as ruelas medievais da vila alcandorada na serra de São Mamede. Como se lê numa carta de Álvaro de Campos, "em toda a obra humana procuramos só duas coisas, a força e o equilíbrio de força, energia e

harmonia". Em vários espetáculos desta 11ª edição (por exemplo, no recital dos tenores alemães Christoph e Julian Prégardien, pai e filho, acompanhados pela pianista Silke Avenhaus) conjugaram-se à perfeição esses preciosos elementos. Com aves de rapina a sobrevoar os espetáculos ao ar livre, a chuva, o nevoeiro, os primeiros dias de muito frio e os últimos de muito calor não travaram o fervor de músicos veteranos como os maestros Christoph Poppen e Pedro Teixeira, Juliane Banse (soprano) e Marcelo Amaral (piano) ladeados por jovens como Kevin Zhu (violino), Aurélien Pascal (violoncelo), Aaron Pilsan (piano), Unai de la Rosa Hernández (barítono), Sónia Pais

ID: 118470938

01-08-2025 | REVISTA E

(flauta), Carolina Coimbra (harpa), Nikolay Borchev (barítono) e os coreanos Sunhae Im (soprano) e Tae-Hyung Kim (piano). Tal como nas tapeçarias idealizadas por Casanova, com sedas francesas bordadas com desenhos chineses, músicos vindos do Extremo Oriente cruzam-se em fosforescências com músicos europeus e norte-americanos, exibindo em palco a sua mestria com instrumentos de valor incalculável cedidos por fundações e colecionadores. No meio do prodigioso Malion Quartett, veiculando as frases carregadas de expressão dramática e a intensidade do terceiro quarteto de Tchaikovsky, a violinista Miki Nagahara parecia a atriz do filme “Disponível para Amar”, de Wong Kar-Wai. Quem conseguiria prever que a “Noite Transfigurada”, de Schoenberg, esgotaria a igreja de São Tiago decorada com uma fabulosa tapeçaria da Menez? Ou que, à meia-noite, o público parecia estar a sentir uma experiência cósmica, como que a levantar a um metro do solo, com canções das irmãs Lili e Nadia Boulanger interpretadas pela voz rica e profunda da talentosíssima Teresa Sales Rebordão? Uma plateia a abarrotar para escutar “O Cravo Bem Temperado”, de Bach, não pode espantar ninguém. Mas é surpreendente que, no Alto Alentejo, esgotem bilhetes para a música de câmara de Wolfgang Rihm, para o concerto de Chausson (op. 21) ou para as sonatas de César Frank. Em cascata vertiginosa, os veraneantes seguiram espetáculos únicos e irrepetíveis com obras de Beethoven, Schubert, Ravel, Debussy, Webern, Messiaen e Luís Tinoco. Comentava um crítico musical chegado de Paris, deslumbrado com a dinâmica do evento: “ao fim do terceiro dia, já estamos todos embriagados com tanta música” (e provavelmente, não só com a execução das partituras, tal a qualidade dos vinhos da região) neste festival que transfigura anualmente Marvão. Com 30 concertos e 30 triunfos, o FIMM soma e segue, anunciando a 12ª edição para julho de 2026. ●

★★★★★

FIMM — FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DE MARVÃO

Vários locais, Marvão, de 18 a 27 de julho



★★★★★

RADIO DDR

Sharp Pins

K Records

Chega-nos sem alarido, como amor imprevisto. Não demora a impor o seu charme: “Radio DDR”, de uns quase incógnitos Sharp Pins, não precisa de tempo para se tornar a mais bem-vinda dependência de 2025, para pôr as coisas com a fazer contença. Ou, se quiser ler a versão ‘que-se-lixe-a-contença’ (que vigorará até ao fim deste texto), para se tornar um disco que parece existir desde sempre, só ainda não tinha sido feito. Para começar, imaginemos que há uma loja de discos em cada esquina e resgatemo-lo da secção imaginária “música capaz de fazer verdadeiramente bem à saúde”. A seguir, conheça o artista: Kai Slater, músico norte-americano nos Lifeguard (futuras sensações indie de Chicago, amigos das adoráveis Horsegirl, que já editam pela Matador), só tem 20 anos e dá-nos em 14 canções toda a juventude que precisávamos de ouvir para desenjoar do futuro: uns pós de British Invasion, as lições dos Beatles (melodia, melodia, melodia) e Byrds (guitarras jangly sempre, por favor), a síntese já operada pelos Big Star nos anos 70 (‘If I Ever Was Lonely’, ‘Sycophant’, suaves milagres), a cena Paisley Underground, um ou dois simulacros de Guided by Voices circa “Alien Lanes” (o filtro intencionalmente lo-fi, canções como ‘Everytime I Hear’, ‘Circle All the Dots’ e ‘Is It Better’), todo um passado pronto a repovoar. Apesar da profusão das coordenadas, “Radio DDR” não é um pastiche, uma encenação, um truque para fisgar nostálgicos que não sabem viver no presente; é um instrumento que nos deixa confirmar que há um coração que persiste em funcionar, o mesmo que bateu mais depressa com “Oh, Inverted World”, dos Shins, em 2001, “Teens of Style”, de Car Seat Headrest, em 2015, e “We’re Not Talking”, dos Goon Sax, em 2018. É uma juventude em marcha, sem medo do passado, sem medo do rock, capaz de falar a uma só voz para velhos e novos: a música ainda é a coisa mais importante das nossas vidas.

/ LUÍS GUERRA



★★★★★

REFLECTION OF ANOTHER SELF

Milena Casado

Candid Records

Não é por acaso que, no que à aparência exterior diz respeito, a grande manifestação da libertação afro-americana na sequência do Movimento dos Direitos Civis da segunda metade dos anos 60 do século passado tenha passado pelo cabelo, símbolo de orgulho e de resistência. Os ‘afros’ não só afrontavam as normas de beleza e conduta vigentes como remetiam para um passado comum, livre, pré-colonização. Milena Casado, uma trompetista negra nascida e educada na vizinha Espanha, mas com carreira projetada agora a partir dos Estados Unidos, onde fez a sua formação superior, dá início ao extraordinário “Reflection of Another Self” com “This Is My Hair (I)”, título grafado em maiúsculas, afirmação de princípio e uma declaração de orgulho a partir de uma simples característica física que durante o tempo em que cresceu foi motivo de discriminação. Mas como Betty Davis, Alice Coltrane, Erykah Badu, Esperanza Spalding ou a portuguesa Jéssica Pina, Casado também deixa o cabelo crescer como as suas criativas ideias musicais — de forma livre. O facto de contar no álbum com as participações do MC Kokayi (que tem brilhado ao lado de Ambrose Akinmusire), Brandee Younger, Nicole Mitchell, Val Jeanty (das Nite Bjuti), Terri Lyne Carrington, Esperanza Spalding ou Kris Davis indica-nos de que goza de pleno reconhecimento perante uma vanguarda que tem reequacionado o ativismo e o papel da criatividade feminina no jazz. Casado aproveita essas alianças para criar um disco em que o seu ‘trompetismo’ brilha numa variedade de contextos que são reflexo dos seus vários ‘eus’: há faixas de toada mais clássica e baladeiras, como a breve “Introspection II — Perguntas”, um eloquente solilóquio que nos afiança que estudou de forma atenta os clássicos, sobretudo Miles ou Roy Hargrove, mas também deriva por entusiasmantes terrenos fusionistas, como a abstrata “Circles”, pontuada pelas pinceladas giradisquistas de Jeanty. Pelo meio abre-se um conjunto de janelas sobre possíveis futuros, todas reveladoras de um talento que certamente dará que falar.

/ RUI MIGUEL ABREU

E ainda...



SIMONA SVALINA

OPERA FEST

Vários locais, Lisboa, Oeiras e Sintra, de 7 de agosto a 16 de setembro
operafestlisboa.com

A sexta edição do Opera Fest, dedicada à “força avassaladora” do amor, conta com performances de “La Traviata”, de Verdi (dias 7, 9 e 10 de agosto), com o papel de Violeta Valery a caber à soprano croata Darija Auguštan (na foto), “Dino e Eneias”, de Purcell (dias 29 e 30), e “A Flauta Mágica”, de Mozart (12 e 13 de setembro), mas o festival também aborda a modernidade: está prevista uma “rave operática” com Tó Trips & Fake Latinos, Bateu Matou e DJ Marfox (dia 8 de agosto).

FESTIVAL NEOPOP

Forte de Santiago da Barra, Viana do Castelo, de 7 a 9
neopopfestival.com

Dedicado à música eletrónica de dança, é um dos mais duradouros festivais portugueses. Por Viana do Castelo passam nomes bem conhecidos do público nacional, como Charlotte de Witte, Richie Hawtin e Ben Klock, mas o principal destaque é a presença de Gol-die, nome maior do drum’n’bass.



PORTO PIANO FEST

Vários locais, Porto, Matosinhos, Vila do Conde e Vila Nova de Famalicão, até dia 12
portopianofest.com

A 10ª edição do Porto Piano Fest arranca com o trio de Baptiste Trogignon (na foto), numa peça que homenageará nomes como os Beatles, os Pink Floyd ou David Bowie (Casa da Música, Porto, sexta, 19h30). Artur Pizarro, Jean Saulnier ou Zi Qi Susannah Zou são outros pianistas no festival, que termina com uma atuação de Alexander Kobrin, um dos mais reputados pianistas russos da atualidade (Palácio da Bolsa, Porto, dia 12, 20h).